

MEMÓRIA E IDENTIDADES NIPO-BRASILEIRAS: A LINGUAGEM DOS MANGÁS NA CONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA E DOS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO

Mariany Toriyama Nakamura (PPGCI - ECA/USP)

Giulia Crippa (Orientadora)

RESUMO

O termo mangá designa os quadrinhos japoneses e popularizou-se no século XX por meio do empenho do desenhista Rakuten Kitazawa em evidenciá-lo e fazer com que ganhasse espaço. Presentes na rotina japonesa, os quadrinhos japoneses chegaram ao Brasil pelas mãos dos primeiros imigrantes à bordo do *Kasato Maru* em 1908 como forma de preservar um pouco de sua cultura em solo estrangeiro e ferramenta de manutenção da memória e contato permanente com a língua materna atuando mais tarde como instrumento de atualização entre os nikkeis. Apenas a partir da década de 1970, quando o Japão firmou-se economicamente e iniciou sua projeção no Ocidente o mangá veio a fazer parte de nosso cotidiano desencadeando entre nipo-brasileiros processos de construção de uma memória composta não apenas pelas narrativas de avós e pais, mas também pela linguagem dos mangás, entre outros aspectos da cultura pop japonesa. Posteriormente febre entre os brasileiros, os quadrinhos e a estética japonesa permitiram, por meio do engajamento com as tecnologias de informação e comunicação e o advento da internet, promover processos de identificação que independem de etnia e que têm encontrado solo fértil que se estende ao campo da pesquisa.

Palavras-chave: memória; identidades; mangá

Constituintes do cotidiano no Japão, o mangá - quadrinhos japoneses - chegaram ao Brasil pelas mãos dos primeiros imigrantes à bordo do *Kasato Maru* em 1908 como forma de preservar um pouco de sua cultura em solo estrangeiro e ferramenta de manutenção da memória e contato permanente com a língua materna atuando mais tarde como instrumento de atualização entre os descendentes de japoneses no Brasil. Bem como o dito pelo folclorista Kunio Yanagita sobre o significado do termo "*jonin*" sendo a parte de nós que é comum a nós, aquilo que é transmitido por gerações e gerações como memória adquirida, neste artigo são discutidos a formação de identidades influenciada pela memória e a linguagem dos quadrinhos japoneses como meio de distinção e sentimento de pertencimento à comunidade nipo-brasileira que como pode ser notado nos últimos anos, estende-se a todos aqueles que se sentem conectados à cultura japonesa, independente de sua origem étnica.

Chama-se atenção para a distinção do mangá em relação aos quadrinhos ocidentais e como isso se tornou essencial para seu destaque fora do Japão. Posteriormente febre entre os brasileiros, permitiram, por meio de seu engajamento com outros suportes e mídias possibilitado pelas Tecnologias de Informação e Comunicação e o advento da internet, promover processos de identificação do leitor brasileiro à robusta rede de linguagens expressas por meio de imagens e palavras sobre diversos aspectos como cultura, religião, história e comportamento da sociedade japonesa.



XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH
Humanidades, Estado e desafios didático-científicos
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

A partir do século XX, acima do conhecido papel de exportador de tecnologia e eletroeletrônicos o Japão também se projetou pelo mundo através de suas histórias em quadrinhos e animações. Foi graças aos esforços de Rakuten Kitazawa (1876-1955), o primeiro a criar quadrinhos seriados com personagens regulares no Japão, que o termo *mangá* passou a atribuir as histórias em quadrinhos japonesas. Entretanto, foi Katsuhika Hokusai (1760-1849), famoso artista de *ukiyo-e*¹, que inicialmente utilizou o termo *mangá* - união dos caracteres *man* (involuntário) e *ga* (desenho ou imagem) - com o significado de "imagens involuntárias" quando primeiramente desenvolveu imagens em sucessão de desenhos.

Em 1853, com a chegada de Commodore Matthew Perry ao Japão e a abertura ao comércio internacional que culminou no término do isolamento do Período Edo e início de Meiji (1868-1912), o Japão entrou em contato intenso com referências estrangeiras que foram marcantes em todas as áreas da sociedade como por exemplo, o desenvolvimento tecnológico.

Para os quadrinhos a absorção de novas ideias também foi essencial para a composição do *mangá* moderno a partir da seleção de formatos e referências ocidentais e a correspondente adaptação para seu próprio gosto de acordo com elementos do cotidiano e realidade japonesa, desenvolvendo um estilo único e bem nativo que posteriormente se destacou das produções européias e americanas e possibilitou que o *mangá* se firmasse nos mercados editoriais e criasse raízes entre leitores de vários países, principalmente no Brasil que possui a maior colônia japonesa fora do Japão.

Luyten (2011) evidencia que a palavra *mangá* tem o significado não apenas de história em quadrinhos, mas também abarca revista de história em quadrinhos, caricatura, cartum e até mesmo desenho animado. Moliné (2006) acrescenta que a palavra abrange muito mais, servindo para designar toda a maneira de ver a narrativa gráfica sob um ponto de vista totalmente distinto do ocidental podendo ser aplicado para descrever a indústria editorial em segmentos impensáveis na Europa ou América.

Antes mesmo de se tornar uma febre no Brasil, os *mangás* já eram lidos, segundo Luyten (2011), uma vez trazidos nas bagagens dos imigrantes que aqui chegavam. Engana-se também quem questiona a produção de *mangás* no Brasil como extremamente recente, pois já na década de 1950 desenhistas nipo-brasileiros produziam quadrinhos no estilo *mangá* e posteriormente, na década de 1970, graças aos esforços iniciais liderados pela Professora Doutora Sonia Luyten, os primeiros trabalhos acadêmicos acerca dos *mangás* se desenvolveram na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

1. MEMÓRIA E FORMAÇÃO DE IDENTIDADES

O livro "Resistência e Integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil" organizado por Célia Sakurai e Magda Prates Coelho aborda os caminhos que homens, mulheres e crianças tomaram ao deixarem parte de suas vidas para trás para transformar seus descendentes em brasileiros com passado japonês. Há de se considerar o contexto

¹ Traduzido como "retratos do mundo flutuante". Pinturas desenvolvidas no Japão ao longo do Período Edo utilizando técnica de gravuras em madeira para consumo popular.



XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH
Humanidades, Estado e desafios didático-científicos
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

que esses imigrantes encontraram no Brasil; uma época de mudanças políticas e econômicas rápidas e profundas que determinaram a forma de ser japonês no Brasil.

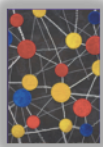
Após a Segunda Guerra Mundial é que se torna possível enxergar uma inserção maior dos japoneses na sociedade brasileira quando o retorno à nação de origem se torna inviável e a permanência no Brasil faz surgir a primeira geração de nipo-brasileiros. Neste momento a adoção da língua portuguesa e a inserção na sociedade brasileira compunham uma formação cultural híbrida, na qual uma nova geração de filhos e netos dos imigrantes que haviam chegado antes da guerra já despontava e abria caminho para uma integração cada vez mais intensa com os outros segmentos da sociedade brasileira.

Segundo Meneses (1992) a caracterização mais corrente de memória é como mecanismo de registro e retenção ou depósito de informações e conhecimento tendo sua produção e acabamento atreladas apenas ao passado, no entanto ao contrário dessa visão, deve-se encarar que a memória é um processo permanente de construção e reconstrução e tem relação direta com o presente. No âmbito da Ciência da Informação cuja preservação, em algum momento figurou de forma central, a relação com a concepção de memória também se torna inevitável ainda que sob outro ponto de vista. A exemplo da memória como constante processo de construção e reconstrução do presente, filhos e principalmente netos de imigrantes japoneses adquiriram de seus pais e avós uma carga de lembranças de fatos por eles vivenciados como meio de firmar as bases de ensinamentos de uma tradição que se compunha de uma imagem de Japão imaginado, uma vez que estavam fora e distantes da nação de origem.

Ainda que a memória nos pareça inicialmente um fenômeno individual, próprio de cada um, Maurice Halbwachs (2006) nos leva a compreender a memória também como um fenômeno coletivo e social, ou seja, “como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes” (POLLAK, 1992, p.201). Assim, a memória coletiva, termo utilizado por Halbwachs, seria o processo social de reconstrução do que foi vivido no passado e/ou experimentado por um coletivo de forma distinta da tradicional história registrada.

Para Pollak (1992), a memória é em parte herdada, então está sujeita a flutuações em função do momento de sua articulação ou expressão. “As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada”. (POLLAK, 1992, p.204) Sob este aspecto de organização ou da memória como fenômeno construído individual e socialmente, Pollak atribui uma ligação muito estreita entre memória e o sentimento de identidade. Se tomarmos o sentimento de identidade em seu aspecto mais superficial é possível compreendê-lo no sentido da imagem de si, para si e para os outros, ou seja, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria para acreditar na sua representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros.

A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio na negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. (POLLAK, 1992, p. 204)



XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH
Humanidades, Estado e desafios didático-científicos
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

Stuart Hall (2005) propõe explorar questões sobre identidade cultural na modernidade tardia e avaliar se de fato existe uma "crise de identidade". Neste contexto, afirma que as identidades modernas estão sendo "descentradas", ou seja, passando por um processo de fragmentação. Diante disso, Hall (2005) reflete sobre as possíveis consequências desta noção de descentralização pontuando que o sujeito vem assumir identidades diferentes de acordo com o momento e que não são necessariamente unificadas ao redor de um conceito de "eu" coerente, ou seja, coexistem identidades contraditórias que nos levam a diferentes direções de modo a serem constantemente deslocadas.

Esse movimento esteve muito presente na colônia japonesa no Brasil em contexto de Guerra no qual o posicionamento do Japão era contrário ao do Brasil provocando rupturas nas estruturas dos grupos de imigrantes japoneses entre aqueles que não aceitavam a derrota do Japão e aqueles que tentavam articular uma relação mais próxima dos brasileiros por meio do aprendizado da língua portuguesa e acesso e produção de informação em jornais que esclarecessem a real situação do Japão pós conflito. Filhos de imigrantes buscavam a afirmação de suas identidades como brasileiros uma vez que compartilhavam não apenas a nacionalidade, mas a adoção de referências e influências brasileiras em seu cotidiano.

Portanto, a noção de que existe uma identidade unificada e coerente não passa de ilusão, uma vez que a medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam se estabelece um confronto com uma multiplicidade identitária. No que toca a globalização, ou o momento de 'modernidade tardia', segundo Stuart Hall (2005), as sociedades seriam caracterizadas pelas diferenças e antagonismos sociais que fazem com que o sujeito tenha vários posicionamentos, ou, neste caso, identidades. Assim também pode ser encarado o sujeito pós-moderno, que segundo Miranda (2000), está propenso a mudanças e transformações relacionadas às formas em que os sistemas culturais o condicionam.

Em outras palavras, o sujeito pós-moderno é definido historicamente, e não mais biologicamente (como preferem os que defendem identidades raciais originais, mas sem bases científicas), porquanto o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, afetadas tanto pelos processos de socialização quanto de globalização dos meios de comunicação e informação. (MIRANDA, 2000, p.82).

Com a ideia de existência não mais de uma única identidade globalizada, mas a fragmentação em várias identidades, a constituição do termo “nipo-brasileiro” vem carregada pela relação das origens étnica e nacional: a etnicidade japonesa e a identidade nacional brasileira. Desta forma nos deparamos com uma cultura híbrida brasileira de origem japonesa, explicada pelo Professor Doutor Koichi Mori como sendo a cultura japonesa deslocada de seu território original que passa a constituir uma cultura híbrida com referências japonesas e brasileiras.



2. AS INFLUÊNCIAS DO MANGÁ

Se pensarmos na vinda dos quadrinhos japoneses no Brasil, deve-se retomar o contexto da imigração japonesa e as circunstâncias em que viviam os imigrantes e seus descendentes. Luyten (2011) constata que o mangá teve um papel essencial na manutenção da língua. Sua leitura era atraente por conta do visual das revistas e conteúdo do enredo de suas histórias, suprimindo de forma lúdica para as crianças, as lacunas no dever do aprendizado exigido por seus pais na época em que as colônias japonesas eram ainda muito fechadas às influências da cultura brasileira. Além desta função inicial, o mangá foi e ainda é uma ferramenta de atualização ou manutenção da língua coloquial viva para aqueles que estavam ou estão fora do Japão, uma vez que são utilizadas na linguagem dos mangás, gírias, linguagem informal e palavras estrangeiras adotadas pelo vocabulário japonês.

Moliné (2006) confirma que no Japão o mangá naturalmente pode ser encontrado fora de seu segmento, ou seja, configura-se desde um painel publicitário até a placas e manuais de instruções, explicando as razões do Japão ser considerado a civilização da imagem na qual os japoneses, hoje em dia, estariam habituados a pensar sob a forma da linguagem dos mangás.

O alcance do mangá no formato que conhecemos atualmente se deve a uma série de fatores editoriais, mas em traço e conteúdo é necessário citar as contribuições do desenhista Osamu Tezuka que dedicou 40 anos de sua vida aos quadrinhos e introduziu personagens com olhos grandes muito característicos das produções japonesas até hoje. Influenciado pelas referências americanas na década de 1950 e pelo contexto de esforço do Japão em reerguer-se após a Segunda Guerra, Tezuka também realizou o movimento de apropriação de determinadas características dos quadrinhos americanos mantendo a essência japonesa e devolvendo uma produção autoral que foi reconhecida mundialmente.

Um dos aspectos mais peculiares do mercado editorial de mangás é a variedade de gêneros abordados nos quadrinhos seguindo, inclusive, uma divisão por faixa etária e sexo como por exemplo, publicações para crianças, quadrinhos didáticos, lazer, para moças e rapazes, adultos, eróticos e também históricos dentre outros gêneros. Dentro das divisões as personagens também possuem singularidades, principalmente pelo fato de se modificarem psicologicamente e evoluírem ao longo das histórias o que gera proximidade natural com o leitor japonês, mas que também conseguiu alcançar o gosto do Ocidente.

"O leitor se identifica com os heróis porque eles retratam sua vida diária e o remetem para esse mundo de fantasia. Ele poderia ser o próprio herói da história justamente porque está próximo de sua realidade." (LUYTEN, 2011, p.57)

No Japão, os heróis são concebidos a partir do mundo real no qual as pessoas podem encontrar aspectos muito semelhantes de seu cotidiano e com isso encontram uma válvula de escape discreta para o sentimento de repressão social diário a que todos os japoneses se veem submetidos - podendo inclusive interiorizar seus sentimentos e realizar suas fantasias através das páginas dos mangás. No Brasil, embora exista uma mescla de características brasileiras e japonesas nos nipo-brasileiros é comum encontrar em suas famílias um ambiente de cobrança e de deslocamento do indivíduo em seus grupos de relacionamento, o que gera uma natural aproximação com os mesmos obstáculos que muitas personagens de mangá atravessam.



XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH
Humanidades, Estado e desafios didático-científicos
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

Moliné (2006) acrescenta que um dos requisitos aconselháveis para desfrutar completamente um mangá é o conhecimento do folclore e costumes japoneses que podem, inclusive, ser adquiridos por meio da leitura de quadrinhos japoneses:

Quem lê um mangá pela primeira vez pode se perguntar por que no Japão as pessoas tiram os sapatos para entrar em casa, ou o que é Cerimônia do Chá ou por que as colegiais do país usam uniforme de marinheiro. Aprender sobre a história, a arquitetura, a mitologia, a gastronomia, entre outros, do Japão é parte da aventura de ler um mangá e não são poucos os ocidentais que complementam a leitura das HQ japonesas com textos sobre a cultura do país, e alguns até chegam a aprender a língua japonesa. (MOLINÉ, 2006, p.32)

Pode-se notar que por esse e outros motivos, os mangás não só construíram uma base de sucesso entre a juventude do mundo todo - já que seu conteúdo é composto de emoções que mesmo em contexto japonês pode gerar identificação imediata com um público diverso -, mas também ajudou a divulgar ainda mais a cultura japonesa, como é o caso do Brasil onde a colônia japonesa favoreceu a formação de um cenário bastante singular de consumo de referências das tradições à cultura pop desenvolvendo uma comunidade nipo-brasileira que vê na renovação da cultura japonesa e na aceitação de inserção de públicos distintos, seu futuro.

Tão importante quanto, deve-se atentar à estrutura do mangá que é, segundo Luyten (2011), muito mais fluida que a ocidental, pois há presença abundante de quadrinhos com múltiplos formatos que são similares a linguagem cinematográfica tornando possível a leitura de cerca de 300 páginas em poucos minutos. Não é segredo que os mangás possuem um número de páginas muito maior do que as histórias em quadrinhos ocidentais e portanto é possível dedicar muitos quadros para mostrar um movimento lento típico das produções cinematográficas ou estabelecer um clima que ambiente todo um capítulo.

Scott McCloud (2005) em "Desvendando os quadrinhos" descreve esta característica como um tipo de transição chamado de 'aspecto-para-aspecto' no qual o tempo é superado em grande parte e se estabelece um olhar migratório sobre diferentes aspectos de um lugar, ideia ou atmosfera que é raramente vista em quadrinhos ocidentais, mas tem sido parte integrante dos quadrinhos japoneses. A esta divisão entre Ocidente e Oriente é colocado que, no primeiro caso, a existência de uma cultura orientada pelo objetivo faz com que arte e literatura não conversem tanto quanto no segundo caso, do Oriente, onde há uma tradição de obras de arte cíclicas e labirínticas, ou seja, os mangás parecem vir desta linha ao enfatizar mais o 'estar lá' ao invés do 'chegar lá'. Mais do que em qualquer outro lugar, no Japão quadrinho também é uma arte de intervalos: "A ideia de que os elementos omitidos de uma obra são tão partes dela quanto os incluídos é típica do Oriente há vários séculos" (MCCLOUD, 2005, p.82) e influenciou os campos das artes gráficas e da música ocidental.

A identificação e a inserção dos leitores também ocorre por meio de um estilo híbrido caracterizado por personagens de traços mais simples e cenários e detalhamento de objetos praticamente fotográficos que permitem visualizar a si no papel das personagens e vivenciar perfeitamente os ambientes onde elas interagem. Não é à toa



XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH
Humanidades, Estado e desafios didático-científicos
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

que os fãs dos mangás compõem hoje, um grupo extremamente forte e significativo cuja trajetória se faz única.

Um dos momentos de maiores impactos no desenvolvimento da dinâmica da linguagem visual do mangá contemporâneo, segundo Luyten (2011) se deve ao engajamento com as Tecnologias de Informação e Comunicação. Por meio da televisão os quadrinhos impressos japoneses souberam tirar proveito e adaptaram-se em animações, os chamados animês. Com a entrada da internet a circulação e produção de informações também se alterou e as mídias digitais proporcionaram a formação de novos leitores atualizados com as mais recentes produções em quadrinho e animação no Japão. São responsáveis também pelo papel de mediadores e produtores de conteúdo, quando se engajam aos processos de traduções, legendagem - sem esquecer dos créditos ao desenhista -, grupos de discussão e organização de eventos relacionados à cultura pop.

CONCLUSÃO

Embora tenha sido inicialmente utilizado como mantenedor da língua para descendentes de japoneses, atualmente a comunidade nipo-brasileira, principalmente no que toca a cultura pop, se vê cercada por pessoas de diferentes origens que buscam uma aproximação cada vez mais forte com o Japão. Os fãs não se limitam à leitura dos mangás, mas como foi visto acima, também mantêm-se atualizados e procuram outras fontes de informação para compor o conhecimento sobre aspectos históricos, tradicionais ou comportamentais típicos da sociedade japonesa. Neste ponto o sentimento de pertencimento à cultura japonesa é inevitável e, com isso, a formação de novas identidades que deixam de se limitar apenas aos descendentes de japoneses.

O mangá, ou mais precisamente a leitura das histórias em quadrinhos japonesas, constituem-se como ferramentas para a construção de identidades, ou também conforme citado anteriormente, a formação de um Japão no imaginário de brasileiros ao ser um meio de manifestação cultural contemporânea que atinge um público cada vez maior principalmente se considerarmos a absorção proporcionada pela internet.

O predomínio do aspecto gráfico no mangá também tem grande importância que o diferencia das HQ ocidentais, pois mesmo que não seja possível entender a língua japonesa, ainda é possível ler um mangá através de suas imagens. Esse é um dos recursos que tornam o mangá ainda mais forte no Brasil, pois são abertas várias possibilidades para a produção e uso do formato com propósitos educativos e para o campo da pesquisa acadêmica.

Sonia Luyten foi a primeira, em 1990, a dedicar uma tese de doutoramento sobre mangás, defendida na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Sua obra *Mangá: o poder dos quadrinhos japoneses* é hoje premiada e fonte de informação para os trabalhos que se seguiram nos anos posteriores em diversas Universidades de várias regiões do Brasil.

O mangá e seu inevitável envolvimento com o meio digital vem abrindo mais um espaço de pesquisa bem como ocorreu com os animês e a televisão. A apropriação de diversidades culturais explicitadas pelo mangá faz com que um novo panorama se forme a respeito dos ainda recentes estudos que consideram a memória e a constituição de identidades. Este breve artigo também serviu como um pontapé inicial a esta relação



XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH
Humanidades, Estado e desafios didático-científicos
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

com os estudos sobre as identidades nipo-brasileiras e a expansão de seus limites por meio das manifestações do Japão contemporâneo, ou como ousa-se dizer, um híbrido: uma cultura pop nipo-brasileira.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Isa Maria. **Acesso à informação e identidade cultural**: entre o global e o local. *Ciência da Informação*, Brasília, v.35, n.2, p.58-67, mai.ago. 2006. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/ci/v35n2/a07v35n2.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade?. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

KOBAYASHI, Erika. Reinvenção do "Japão inventado": a experiência do coletivo de artistas moyashis no Centenário da Imigração Japonesa no Brasil. In: GREINER, Christine; SOUZA, Marco (Orgs). **Imagens do Japão**: pesquisas, intervenções poéticas, provocações. São Paulo: Annablume, 2011.

KODAMA, Kaori; SAKURAI, Célia. Episódios da imigração: um balanço de 100 anos. In: SAKURAI, Celia; COELHO, Magda Prates. **Resistência&Integração**: 100 anos de imigração japonesa no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5 ed. Tradução Bernardo Leitão et al.. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional**: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

LUYTEN, Sonia Bibe. Mangá e a cultura pop. In: LUYTEN, Sonia Bibe (Org.). **Cultura pop japonesa**: mangá e anime. São Paulo: Hedra, 2005. p. 7-14.

LUYTEN, Sonia Bibe. **Mangá**: o poder dos quadrinhos japoneses. 3ed. São Paulo: Hedra, 2011.

MCCLOUD, Scott. Desvendando os quadrinhos. São Paulo: M.Books do Brasil Editora Ltda.,2005.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Identidade cultural e arqueologia. In: BOSI, Alfredo (Org.). **Cultura brasileira: temas e situações**. São Paulo: Editora Ática, 1987.



XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH
Humanidades, Estado e desafios didático-científicos
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

MENESES, Ulpiano Bezerra de. **A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais.** Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, n.34, 1992.

MIRANDA, Antônio. **Sociedade da informação:** globalização, identidade cultural e conteúdos. Ciência da Informação, Brasília, v.29, n.2, p. 78-88, mai.ago. 2000. Disponível em:< <http://repositorio.bce.unb.br/handle/10482/629>>. Acesso em: 10 jul. 2011.

MOLINÉ, Alfons. **O grande livro dos mangás.** 2ed. São Paulo: Editora JBC, 2006.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n.10, 1992. Disponível em:<<http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080> >. Acesso em 05 set. 2010.

SAKURAI, Celia; COELHO, Magda Prates. **Resistência&Integração:** 100 anos de imigração japonesa no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

SATO, Cristiane A. **Japop:** o poder da cultura pop japonesa. São Paulo: NSP-Hakkosha, 2007.